

MEMÓRIAS
DA
ACADEMIA DAS CIÊNCIAS
DE
LISBOA

CLASSE DE LETRAS

TOMO XLVII



ACADEMIA DAS CIÊNCIAS
DE LISBOA

LISBOA • 2024

MEMÓRIAS
DA
ACADEMIA DAS CIÊNCIAS
DE
LISBOA

O presente tomo das *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa — Classe de Letras* reúne as comunicações apresentadas nas sessões académicas da Classe de Letras no ano de 2019.

Título: Memórias da Academia das Ciências de Lisboa
Classe de Letras
Tomo XLVII

Edição: Academia das Ciências de Lisboa

Impressão: Gráfica 99

Data de impressão: 2024

ISSN: 0378-116X

Depósito legal: 61370/92

DOI: <https://doi.org/00000>

O contributo de Sílvio Lima para uma história da psicologia em Portugal

MANUEL VIEGAS ABREU

INTRODUÇÃO

Está ainda por escrever uma História da Psicologia em Portugal. Este facto é revelador da pouca atenção ou do menor apreço que os psicólogos portugueses têm dedicado à análise crítica e avaliativa dos contributos que à delimitação, consolidação e expansão da Psicologia têm sido dados por estudiosos, investigadores, académicos e até mesmo profissionais de diversas áreas de intervenção prática. É certo que diversas têm sido as prioridades de desenvolvimento da disciplina, quer do ponto de vista da investigação e da fundamentação teórica, quer do ponto de vista da organização institucional e profissional. A necessidade, muitas vezes urgente, em concretizar essas prioridades tem remetido para plano secundário a importância a dar aos estudos históricos de avaliação do impacto que trabalhos de pesquisa, intervenções sociais ou publicações de autores do passado, tiveram na afirmação e reconhecimento da psicologia como *ciência* e como *prática*, enquanto área do saber ou do conhecimento acerca dos factores e processos do comportamento do homem nas relações com as suas circunstâncias de vida, e enquanto conjunto de intervenções úteis ao seu desenvolvimento e aperfeiçoamento.

Não podendo ainda dispor da desejada História da Psicologia em Portugal, é justo, porém, reconhecer que temos estudos parcelares de muito interesse sobre alguns investigadores ou sobre a influência marcante de criações suas, a que mais adiante faremos referência. Todavia, não dispomos de monografias sobre cada um dos autores relevantes, nem sobre a totalidade dos seus trabalhos, e falta-nos, sem dúvida, uma obra de conjunto suficientemente ampla para apreender a linha de sucessão ou de continuidade temporal em que se assinalem contribuições originais, eventuais rupturas e propostas de inovação teórica, epistemológica e metodológica.

Ao assinalar assim, no início desta comunicação, a falta de uma História da Psicologia em Portugal, é nosso propósito contribuir para a consciencialização dessa lacuna e lembrar que Sílvio Lima no artigo que publicou em meados do século passado, intitulado *A psicologia em Portugal*, reconheceu implicitamente a necessidade de uma obra dessa envergadura para a qual ele apresentou uma proposta de periodização, informações valiosíssimas sobre um conjunto de autores e obras relevantes, e ainda considerações sobre características comuns aos diferentes períodos. Este estudo de Sílvio Lima, embora conhecido, não foi até agora retomado. Outras tarefas indispensáveis ligadas à criação dos cursos superiores de Psicologia nas Universidades de Coimbra, Lisboa e Porto, à formação de psicólogos e à concepção e acompanhamento da organização de estratégias de intervenção em diversos campos da prática psicológica constituíram o foco prioritário de uma geração de jovens investigadores que prosseguiram o esforço dos seus mestres Sílvio Lima e Émile Planchard, em Coimbra, e Moreira de Sá e Delfim Santos, em Lisboa.

Alcançados os objectivos pretendidos e consolidados os projectos que mobilizaram essa geração de investigadores e docentes universitários no desenvolvimento do ensino e da investigação da Psicologia nas Universidades Portuguesas, consideramos que é chegada a hora de revisitar a proposta de Sílvio Lima, submetendo-a a uma avaliação crítica que permita identificar os tópicos da sua actualidade e justificar a sua retomada e expansão.

ANÁLISE DO ARTIGO DE SÍLVIO LIMA: NATUREZA, OBJECTIVO E ESTRUTURA

O artigo, que pela sua brevidade o próprio autor designou de “*modesto ‘relâmpago’ ensaístico*”, destinava-se a integrar a *World Psychology*, projecto de publicação de âmbito mundial que Georges Kisher, professor da Universidade de Cincinnati, não chegou infelizmente a concretizar. O artigo foi, por isso, publicado, em 1949, no volume XXV da *Biblos*, revista da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

O artigo está organizado em duas partes. A primeira constitui um *esboço, sinopse ou resumo* das principais linhas da evolução que a Psicologia, enquanto “ciência positiva”, tomou no nosso país desde meados do século XIX, assinalando

três períodos distintos e indicando as características, os protagonistas e as criações ou obras mais marcantes e influentes de cada um deles.

A segunda parte sinaliza as características comuns a todos os períodos considerados e aponta as “linhas directrizes” de desenvolvimento futuro.

Para início da periodização, Sílvio Lima tomou os “meados do Séc. XIX como ponto de partida” situando aí o começo do processo evolutivo em que a Psicologia se autonomiza da Filosofia, afirmando-se como ciência positiva, experimental e métrica, tal como se desenvolveu primeiro na Alemanha, Grã-Bretanha e França, e pouco depois nos Estados-Unidos. Assim, são os seguintes os três períodos que Sílvio Lima reconhece na evolução da Psicologia em Portugal: o primeiro período é balizado entre meados do séc. XIX e 1914, o segundo decorre entre 1914 e 1941 e o terceiro vai de 1941 a 1950. Para cada um deles Sílvio Lima aponta as características gerais, os contextos epistemológicos dominantes, os principais protagonistas e as obras mais influentes.

O PRIMEIRO PERÍODO [MEADOS DO SÉC. XIX A 1914]

Caraterísticas, protagonistas e produções principais

O *contexto epistemológico* dominante neste primeiro período é influenciado pelo positivismo de Augusto Comte, pelo organicismo materialista-fisicista de Haeckel, Karl Vogt e Büchner e pelo evolucionismo de Lamarck e Darwin. Apresenta, por isso, como *características gerais* a “libertação” da Psicologia relativamente à Filosofia, a crítica do “ontologismo teológico-metafísico” e a consciencialização crescente da possibilidade de construção da Psicologia como uma disciplina natural fundada em bases exclusivamente científicas. O interesse crescente pelos novos conceitos e problemas de natureza psicológica emerge em Portugal, tal como aconteceu também em muitos países europeus, por influência dos progressos realizados em disciplinas de observação e experiência como a biologia, a antropologia, a neurologia, a etnologia, a filologia, a sociologia, a pedagogia. A este propósito, afirma Sílvio Lima que é “*pela porta aberta*” destas ciências [...] que os pioneiros da psicologia iniciam o combate às tradições metafísicas aristotélico-escolásticas”, em que se apoiava a Psicologia Racional.

Relativamente aos *protagonistas principais* deste primeiro período, Sílvio Lima distingue um grupo de médicos psiquiatras, por um lado, e um grupo dos filólogos, etnólogos e antropólogos, por outro.

No grupo dos médicos psiquiatras são referidos: António Maria de Sena, António Magalhães Lemos, Miguel Bombarda, Júlio de Matos e José Bettencourt Ferreira.

Todos eles, tanto pelas suas publicações, como pelas suas actividades profissionais, notabilizaram-se por terem lançado as bases da investigação, do ensino universitário e da assistência psiquiátrica no nosso país.

No grupo dos filólogos, etnólogos e antropólogos, Sílvio Lima refere os trabalhos de Adolfo Coelho, José Leite de Vasconcelos e Basílio Freire. Os dois primeiros notabilizaram-se por serem os fundadores da Filologia e da Etnologia científicas, com estudos que influenciaram a investigação e o ensino das referidas disciplinas. Por seu turno, numa área diferente, Basílio Freire abriu caminhos ao desenvolvimento da antropologia patológica e da criminologia.

O SEGUNDO PERÍODO [DE 1914 A 1941]

Caraterísticas, protagonistas e produções principais

É neste período que a Psicologia se afirma entre nós como uma ciência autónoma, com especificidade própria e metodologia experimental, laboratorial e assente na medição de processos psicológicos, visando em paralelo mostrar a sua utilidade por intermédio de aplicações ou intervenções práticas, nomeadamente no campo médico-pedagógico e da orientação escolar e profissional.

O contexto epistemológico dominante continua a ser o positivismo, mas a emergência da especificidade dos fenómenos psíquicos acentua o empirismo associacionista e a análise elementarista.

Quanto aos protagonistas mais relevantes deste período, Sílvio Lima distinguiu também dois grupos: um grupo constituído por professores universitários e médicos-pedagogos, e um outro grupo constituído por neurologistas e psiquiatras.

No grupo de professores universitários e médicos-pedagogos, são apontados António Aurélio da Costa Ferreira, Alves dos Santos, Faria de Vasconcelos e Matos Romão. Além de investigadores e autores de trabalhos científicos importantes, todos eles deixaram obras que constituem marcos históricos na evolução da

psicologia em Portugal. Assim, António Aurélio da Costa Ferreira fundou o Instituto, que ficou com o seu nome, de apoio médico-psicopedagógico a crianças deficientes, Alves dos Santos fundou, na Universidade de Coimbra, em 1912-14, o primeiro Laboratório de Psicologia Experimental que funcionou no nosso país, Faria de Vasconcelos criou, em 1924, o Instituto de Orientação Profissional anexo à Universidade de Lisboa e Matos Romão fundou, em 1926, o Laboratório de Psicologia Experimental na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

De entre os neurologistas e psiquiatras, Sílvio Lima refere Sobral Cid, Elísio de Moura, Egas Moniz, António Flores e Diogo Furtado.

Segundo Sílvio Lima, os psiquiatras deste período revelaram nas obras a influência de novas orientações teóricas e metodológicas pela valorização do contexto social na compreensão e tratamento das perturbações mentais. Por sua vez, os neurologistas distinguiram-se por realizarem avanços significativos no conhecimento da organização e funcionamento do cérebro e na invenção de métodos e técnicas da sua visualização.

O TERCEIRO PERÍODO [DE 1941 A 1950] Caraterísticas, protagonistas e produções principais

Este período é caracterizado por uma “viragem de orientação teórica e metodológica”, na medida em que ao lado da psicologia laboratorial, analítico-naturalística, experimental e métrica, segundo o modelo de Fechner e Wundt, emerge uma psicologia descritiva, hermenêutica, compreensiva, humanística, “abissal” e biotipológica.

O contexto epistemológico torna-se agora plural, acolhendo a influência quer da Psicanálise quer das concepções de Dilthey, Brentano e Husserl, suscitando a renovação de categorias conceptuais e metodológicas repelidas pela epistemologia positivista. Estão neste caso os conceitos de valor, significação, situação, complexo, conflito, adaptação, estrutura, totalidade. forma, tipo e intencionalidade.

A escolha do ano de 1941 para “marco cronológico” do novo rumo que os estudos psicológicos em Portugal apresentaram neste período é justificada por Sílvio Lima por ter sido esse o ano da remodelação do “Instituto Aurélio da Costa Ferreira”, operada por Vítor Fontes, assim como do “Instituto de Orientação

Profissional”, conduzida por Oliveira Guimarães. A estes dois acontecimentos, Sílvio Lima junta o “*momento feliz*”, no ano de 1942, da abertura oficial do “Hospital Júlio de Matos” que considerou constituir um “*centro médico-social de assistência e profilaxia das moléstias e anomalias mentais, escola de formação técnica psiquiátrica e foco de estudos propriamente psico-científicos.*”

Quais são os investigadores e estudiosos que Sílvio Lima aponta como sendo os mais influentes neste período? Além de Victor Fontes e de Oliveira Guimarães, já mencionados, Sílvio Lima refere os nomes dos professores universitários de psicologia e de pedagogia Delfim Santos, em Lisboa, Newton de Macedo, no Porto, Emile Planchard e o próprio Sílvio Lima, em Coimbra. De entre os neurologistas e psiquiatras, menciona os continuadores de Egas Moniz e A. Flores e o professor de psiquiatria Barahona Fernandes.

BALANÇO AVALIATIVO

Feita a apresentação das características principais, dos protagonistas mais influentes e das obras mais relevantes de cada um dos três períodos da evolução da psicologia em Portugal, Sílvio Lima na segunda parte do seu artigo, em jeito de balanço avaliativo, sinaliza as características transversais aos diferentes períodos, formula breves apreciações críticas, e aponta, por fim, as “linhas directrizes” de desenvolvimento futuro.

No referido balanço, Sílvio Lima considerou que “*a psicologia portuguesa teve sempre um carácter pragmático, de objectivo pedagógico-sociológico, [...] visando a formação e a reforma mental e ética do homem*”. Neste mesmo sentido, afirmou que “*o psicólogo luso dir-se-ia sentir-se mais atraído pela problemática da vida concreta e real do que pelo labor puramente teórico, lógico-especulativo do laboratório*”. Reconhecendo que os estudos portugueses de psicologia têm sido elaborados quase só por médicos, psiquiatras, sociólogos, filólogos e pedagogos, e não propriamente por psicólogos *profissionais*, lamenta que “*as nossas Universidades e Institutos não tenham tido condições propícias ao aparecimento de poderosas individualidades criadoras à Wundt, Piéron e Michotte*”. E acrescenta esta nota crítica, bastante incisiva, “*A nossa psicologia “universitária”, vinculada às Faculdades de Letras de Coimbra e de Lisboa, não pôde e não soube ainda — por motivos externos e internos [...] — estruturar-se e laborar como*

órgão científico de cultura psicológica". Um juízo igualmente muito negativo é dirigido aos "Cursos de Ciências Pedagógicas" criados nas Faculdades de Letras em 1930, em substituição das "Escolas Normais Superiores" de 1911, e destinados à formação teórico-pedagógica dos professores do ensino secundário. O juízo crítico apontava nomeadamente o divórcio existente entre a componente *teórica* e a componente *prática* da referida formação, a cargo respectivamente das universidades e das escolas de ensino secundário, que não conseguiram articular-se.

Quais as directrizes de evolução que Sílvio Lima apontou para o futuro da Psicologia em Portugal?

Uma primeira directriz, formulada quase em jeito de recomendação, apontou que "deviam" ser mantidas e reforçadas as tendências pragmáticas, pedagógicas e sociais assinaladas como características comuns aos estudos dos períodos anteriores.

O desenvolvimento científico a promover deveria focar-se prioritariamente em áreas diferenciadas. A Orientação profissional e a selecção profissional ficaria a cargo do Instituto Maria Luísa Barbosa de Carvalho (IOP) e das suas delegações provinciais a criar. A Psicologia Experimental, a Pedologia, Pedagogia, Didáctica Experimental e Orientação escolar teriam as Faculdades de Letras por principais centros de investigação e ensino. Por seu turno, as Faculdades de Medicina e de Ciências dedicar-se-iam ao desenvolvimento da "Antropologia normal e patológica", Psiquiatria, Neurologia e Zoopsicologia. Por fim, a "Médico-psicopedagogia" e a "Neuropsiquiatria infantil" teriam o Instituto Aurélio da Costa Ferreira e o Hospital Júlio de Matos como polos especializados de desenvolvimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS E PROPOSTAS

O estudo de Sílvio Lima, não obstante a sua brevidade e o seu carácter esquemático, espécie de "*relâmpago ensaístico*" como o próprio o qualificou, lança as bases e indica as fontes principais para a organização de uma *História da Psicologia em Portugal* entre meados do século XIX e meados do século XX.

A periodização nele proposta pode ser revista e actualizada, mas constitui, no essencial, um princípio aceitável de categorização e de organização das ideias, das realizações e dos protagonistas mais influentes.

Apesar de desfasamentos inevitáveis, as directrizes que, em 1949, Sílvio Lima apontou para o desenvolvimento futuro da psicologia em Portugal revelaram assinalável valor prognóstico. Podemos dizer que Sílvio Lima anteviu de algum modo o horizonte de progresso continuado que a psicologia conheceu ao longo do século XX.

Para uma desejável História da Psicologia em Portugal que importa necessariamente ser escrita, o longo período cronológico considerado no estudo de Sílvio Lima tem obviamente de ser ultrapassado nas duas dimensões temporais que o limitam. Com efeito, ela terá de ter em conta, por um lado, os múltiplos e diversos contributos anteriores à constituição da psicologia como disciplina científica, e, por outro lado, os múltiplos e amplos desenvolvimentos que a psicologia conheceu desde 1950 até hoje.

Terá de comportar as fases pré-científicas da evolução da psicologia, segundo linhas esboçadas pela Prof.^a Maria Isolina Borges em artigos publicados, na década de 80, no *Jornal de Psicologia*, e pelo Prof. José Ferreira Marques no artigo “Perspectivas internacionais en la historia de la psicologia en Portugal” saído na *Revista de Psicologia General y Aplicada*, no ano 2000. Ambos fazem remontar as raízes precursoras da psicologia em Portugal nas obras de Pedro Hispano, filósofo, teólogo e médico, um cientista de renome europeu em pleno século XIII. Importa, por conseguinte, proceder ao reconhecimento e delimitação de cada uma das fases da evolução pré-científica dos conhecimentos de psicologia no nosso país, identificando e analisando estudos, publicações e eventualmente realizações que tiveram um impacto historicamente relevante.

Para a elaboração de uma História da Psicologia em Portugal, afigura-se assim indispensável proceder a uma sistemática e analítica incursão no passado anterior a meados do século XIX, mas torna-se igualmente indispensável inventariar acontecimentos, decisões legislativas, trabalhos de investigação e publicações que foram ocorrendo após 1950, pauteando ao longo da segunda metade do século XX o progressivo e continuado desenvolvimento que a Psicologia em Portugal conheceu a ponto de se tornar na realidade pujante que ela é hoje, uma realidade assertiva, segura de si, de resultados benéficos e promissores, ocupando por direito próprio um lugar imprescindível e influente no harmonioso concerto das ciências.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Abreu, M. V., Relembrando “O Problema da Reconhecimento” de Sílvia Lima. Mestre do “espírito crítico” e do “método experimental”, *Biblos*, Ano LV. Coimbra, 1979.
- Borges, I., História de Psicologia em Portugal (I): uma hipótese de abordagem histórica, *Jornal de Psicologia*, Ano 2, N.º 2, 1983, p.3.
- Borges, I., História de Psicologia em Portugal (II): contributo do pensamento português até ao séc. XVI *Jornal de Psicologia*, Ano 2, N.º 3, 1983, p. 4.
- Borges, I., História de Psicologia em Portugal (III): dos fins do séc. XVI aos primórdios do séc. XVIII, *Jornal de Psicologia*, Ano 3, N.º1,1984, p. 7.
- Borges, I., História de Psicologia em Portugal (IV): Evolução do pensamento português de Luís António Verney a Silvestre Pinheiro Ferreira, *Jornal de Psicologia*, Ano 3, N.º 2, 1984, p. 5.
- Borges, I., História de Psicologia em Portugal (V): O séc. XIX e os primórdios do séc. XX, *Jornal de Psicologia*, Ano 4, N.º 1, 1985, p. 18.
- Borges, I., História de Psicologia em Portugal (VI): Da década de 20 à década de 50, *Jornal de Psicologia*, Ano 4, N.º 3, 1985, p. 18.
- Jesus, S. N. de, *Psicologia em Portugal. Balanço e Perspectivas*, Quarteto Editora, Coimbra, 2003.
- Lima, S., A psicologia em Portugal, *Biblos-Revista da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra*, Vol. XXV, pp. 277-285 (1949).
- Marques, J. F., *Apresentação da obra de Faria de Vasconcelos*. Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1986.
- Marques, J. F., Perspectivas internacionales en la historia de la psicología en Portugal, *Revista de Psicología General y Aplicada*, 53 (4), pp. 599-606 (2000).
- Marques, J. F., Nuttin, Fraise e a Psicologia em Portugal, *Psychologica*, Coimbra, pp. 53-58 (2004).
- Oliveira, A. M. e Abreu, M.V., The reception of experimental psychology in Portugal in the early decades of the 20th century: the creation of the first portuguese laboratory of experimental psychology as a privileged analyzer, *Revista de Historia de la Psicología*, Vol. 33, n.º 4, pp. 37-56 (2012).

(COMUNICAÇÃO APRESENTADA À CLASSE DE LETRAS
NA SESSÃO 14 DE NOVEMBRO DE 2019)